

Editorial

No dia 19 de junho deste ano, Francisco Buarque de Hollanda completou 70 anos de vida, ocasião que deu margem a diversas comemorações e homenagens ao cancionista. O periódico *Música Popular em Revista* apresenta, na presente edição, um dossiê sobre o artista organizado por **Walter Garcia**.

O primeiro artigo dessa série, de autoria de **Manoel Dourado Bastos**, examina canções do primeiro LP de Chico Buarque, lançado em 1966. Partindo das considerações de Lorenzo Mammì sobre a “promessa de felicidade” na bossa nova, o autor mostra que, no repertório analisado, tal promessa se encontra suspensa. Para isso, Bastos analisa as canções “Pedro Pedreiro”, “Olê olá”, “Tem mais samba” e “A Rita”, cotejando-as com outras canções da fase inicial do compositor.

A canção “Gente humilde”, originalmente composta para violão por Garoto (Aníbal Augusto Sardinha) e que ganhou uma versão bastante conhecida de Vinicius de Moraes e Chico Buarque, gravada por este em 1971, é analisada por **Rodrigo Vicente**. Contudo, mais do que se dedicar ao estudo dessa versão mais notável, o autor analisa igualmente uma primeira versão dessa canção, elaborada no ano de 1951 por um autor anônimo. Para isso, Vicente mobiliza referenciais da crítica literária de Antonio Candido combinados com ferramentas da análise musicológica, que fazem com que ele explore as contradições e ambivalências de ambas as versões, bem como a maneira que experiências históricas e sociais se sedimentam nas canções.

Gabriela Strozenberg Longman analisa a letra da canção “Beatriz”, música de Edu Lobo com letra de Chico Buarque, composta para o balé *O grande circo místico* em 1982. Longman mostra de que modo o cancionista vai retratando a bailarina da canção que, ao mesmo tempo, é inspirada na personagem Beatrice Portinari da *Divina Comédia* de Dante Alighieri. Para isso, a autora examina verso por verso da composição, revelando diversos significados implícitos no texto de Buarque e diferentes possibilidades de leitura e interpretação.

Daniela Vieira dos Santos examina as canções “Pedro Pedreiro” (1965), “Bye Bye Brasil” (1979) e “Pelas Tabelas” (1984). Em sua análise, a autora demonstra de que modo tais canções expressam o fim da perspectiva de entoar o país do futuro. Em “Pedro Pedreiro”, Santos nota a melancolia diante da inação (“esperando o trem”) do migrante, derivando daí uma frustração diante do mito de um futuro promissor do país. Já em “Bye Bye Brasil”, a autora chama a atenção para os percalços do personagem narrado na composição, um *aventureiro* inserido no contexto de globalização e mundialização da cultura. Por fim, a autora percebe em “Pelas Tabelas” a presença de um narrador transtornado, que não consegue estabelecer um ponto final para seu problema. Tal caráter se manifesta igualmente no plano formal da canção, que se apresenta como um *moto-perpétuo* que suspende o tempo num presente contínuo, sem espaço para perspectivas futuras.

O dossiê se encerra com o artigo do organizador **Walter Garcia**, cujo eixo central é a canção “Cálice”, composta em 1973 por Chico Buarque e Gilberto Gil. Inicialmente o autor traz informações sobre o contexto em que a canção foi composta, a censura que lhe foi imposta e a tentativa de seus autores de a apresentarem no festival *Phono 73*. Na sequência, analisa a forma artística que a canção adquiriu no disco de Chico Buarque, que contou com a participação de Milton Nascimento e do grupo MPB-4, em gravação realizada apenas em 1978 quando a composição foi liberada. Em seguida, Garcia analisa o vídeo divulgado no YouTube em 2010 no qual o rapper Criolo Doido entoa versos elaborados a partir de “Cálice”, retratando aspectos do cotidiano das periferias paulistanas. Por fim, o autor discute sobre a “resposta” de Chico Buarque para Criolo Doido, elaborada para sua turnê de 2011 e lançada em DVD do show no ano seguinte. A partir desse material, Garcia tece reflexões em torno do potencial crítico da produção contemporânea de Chico Buarque frente às realizações musicais das periferias urbanas.

A seção de artigos se completa com o texto de **Raquel Mendonça Martins**, que analisa o rap “Vida Loka parte II” do grupo Racionais MC’s. A autora explora o duplo caráter desse rap que ao mesmo tempo em que se configura como um produto da indústria cultural é portador de um conteúdo crítico ao abordar a questão da inserção na vida do crime do jovem negro e de baixa renda. Amparada

pelo referencial de Theodor Adorno, Martins discute que, embora os produtos da indústria cultural tendam para a redução da tensão entre obra e vida cotidiana, o que “Vida Loka parte II” faz é justamente explicitar a tensão da opressão e da violência.

O volume apresenta ainda a entrevista de **Anája Souza Santos** com Hermelino Neder, músico que fez parte da chamada Vanguarda Paulista, especialmente em parcerias composicionais com Arrigo Barnabé. Além de apresentar dados sobre a trajetória individual de Neder, a entrevista traz considerações do músico sobre sua convivência com outros personagens da Vanguarda Paulista na ECA/USP; sobre as relações, geralmente tensas, entre a busca por posições de vanguarda, a inserção no mercado fonográfico da época e a influência do Tropicalismo em sua produção e na de seus parceiros.

A resenha do livro *Intonations: a social history of music and nation in Luanda, Angola, from 1945 to recent times*, de Marissa J. Moorman, feita por **Mateus Berger Kuschick**, fecha este volume da MPR. O pesquisador destaca os aspectos mais importantes dessa obra na qual a autora faz uma análise do gênero semba e sua inserção num contexto contraditório da história recente de Angola e a formação do sentimento de nacionalidade desse país africano.

Desejamos uma excelente leitura a todos!

Os editores,

Prof. Dr. Rafael dos Santos (UNICAMP)
Prof. Dr. Luiz Otávio Braga (UNIRIO)